

Luigi Fabbri

O Ideal anarquista

TÍTULO: L'ideale anarchico

AUTOR: Fabbri, Luigi

TRADUCTOR: Van Welden, Xavier

CODIGO ISBN E-BOOK:

DIREITOS DE AUTOR: não

TOMADO DE: L' ideale anarchico / Luigi Fabbri. - Bologna: La scuola moderna, 1911. - 27 p. ; 19 cm.

CODIGO ISBN FONTE: não disponível

1a EDIÇÃO ELETRÔNICA DO: dia 15 de maio de 2012

Índice geral

PREFÁCIO.....	4
I.....	5
II.....	8
III.....	12
IV.....	17
V.....	21

LUIGI FABBRI

O IDEAL ANARQUISTA

BOLONHA

Livraria Editora La Scuola Moderna

Caixa postal 209

1911

PREFÁCIO.

*P*ermitindo aos amigos editores a nova publicação do escrito que segue, devo advertir que isto data de muitos anos atrás, de 1896, quando em mim ainda tinha a pura e ingênua fé do neófito — até lá não incomodada pelos inevitáveis desenganos e as amarguras das lutas partidárias — juntamente com uma certa imprecisão de vista sobre os problemas que o anarquismo colocou no terreno da discussão desde então. Isso explicará aos leitores o porquê de algumas afirmações ultra harmonistas sobre o futuro da sociedade e o porquê de uma interpretação talvez muito materialista e fatalista do anarquismo. O conjunto do folheto, naturalmente, ainda corresponde ao meu pensamento, caso contrário não teria permitido fazê-lo publicar novamente. Mas é também verdade que se este folheto agora tivesse que escrevê-lo, eu teria uma outra via de argumentação e evitaria algumas afirmações ditadas mais pelo entusiasmo juvenil do que por uma severa avaliação das ideias e dos fatos. Também não desagrado que isto se publique assim, já que reflete a mentalidade dos anarquistas num período heroico da luta revolucionária. Então o movimento operário, ainda incipiente, não dera ao anarquismo o ambiente vasto de explicações que há hoje, e a propaganda era doutrinária e quase religiosa, feita por grupos esparsos aqui e lá, em luta contínua com o ambiente hostil e com a polícia que ameaçava sistematicamente. Este folheto foi precisamente o texto de uma conferência, lida aos operários de Fabriano numa reunião clandestina realizada na noite do dia 18 março de 1896, no rústico salão de uma fornalha, fora de porta. Nos devemos reunir escondidos, porém o salão estava lotado de pessoas, acorridas silenciosamente, quase invisíveis na escuridão, através dos campos. Como a febre da ideia batia forte em nossos pulsos! qual entusiasmo e quais esperanças! lembram-se disso, companheiros de então, vocês que ficaram na brecha e talvez lerem de novo estas páginas? Publicadas mais tarde em forma de artigos, agora estas páginas eram esquecidas, nem eu teria pensado em exumá-las, se os amigos editores não tivessem pensado nisso, rastreando as no fundo de não sei qual coleção empoeirada. Eles acreditaram que possam ainda ter algum valor e ser de qualquer utilidade para a propaganda, e eu permiti de boa vontade a reimpressão de um escrito, que há pelo menos o mérito da sinceridade e da fé — uma fé que permaneceu, apesar dos desanimos da vida militante, e que eu queria que transmitisse-se através das minhas modestas palavras aos jovens da geração que está surgindo neste período crítico de aquiescência e de incertezas.

Bolonha, dia 15 de Maio de 1911.
LUIGI FABBRI

I

O conceito positivo da liberdade – diferente daquele metafísico que os teólogos chamam de livre arbítrio, e do outro todo nominal dos economistas burgueses segundo o qual todos são livres em direito de fazer o que quiserem, enquanto os quatro quintos em realidade são escravos de facto da impossibilidade que a eles opõe a falsa organização social – este conceito novo da liberdade integral doada novamente ao indivíduo, com o fato de torná-lo um exercício possível para todos, suprimindo por um lado dos órgãos de violência e de coerção da sociedade, e pelo outro colocando os homens em condição de poder satisfazer as próprias necessidades, subtraindo-os conseqüentemente à escravidão das necessidades econômicas bem como àquela do poder político, este conceito bravo que forma a essência do ideal anarquista, é filho legítimo e natural da civilização contemporânea. Apenas quando a ciência conseguiu subtrair o indivíduo à influência de cada preconceito dogmático e à crença de deveres estabelecidos fora e acima de sua vontade e de suas necessidades, dando-lhe assim a consciência da força e do direito próprio – apenas quando a razão humana encontrou no socialismo a maneira de resolver o problema urgente do pão para todos, o anarquismo podia aparecer em forma concreta e ser acolhido pelo povo como um complexo de ideias, que encaminha-se sob a pressão múltipla dos homens e das coisas para sua implementação.

Antes podia ser aspiração de poetas, e Horácio descreve assim os templos saturnais da felicidade máxima na máxima liberdade, como Moisés contou as alegrias do paraíso terrestre onde as feras viviam juntas com os homens. Podia também ser um exercício arquitetônico de reconstrução utópica, sem rima, e desde Platão até Fourier isso inspira toda uma série de gênios imaginativos. Podia ser instinto de rebelião nos oprimidos, e se mistura então e dá vida a todas as ousadias revolucionárias, desde Spártaco até Babeuf. Podia formular-se vagamente em forma de paradoxo nos filósofos: mais

transcendentais; e manda faíscas de intensa luz que seja o antiquíssimo chinês Lao-Tseu ou o precursor alemão Max Stirner a escrever.

De qualquer forma, e poetas e utopistas, e rebeldes e filósofos adivinharam alguma parte da verdade – diga-se também predisseram – ne disseram uma parte, as suas ideias desordenadas não sendo o fruto de uma elaboração científica e filosófica precedente, mas uma aleatória construção fantástica, não sendo maduras nos templos pela experiência e pela evolução das condições da sociedade, ficaram letra morta e formaram a delícia dos únicos amantes de curiosidades históricas. As primeiras batidas de picareta do trabalho sábio que conduziu o homem a conceber o ideal anarquista foram dados, é verdade, há um tempo imemorial, mas não por aqueles que foram precursores inconscientes disto por meio de inócuas profecias feitas por acaso, mas ao invés pelos outros que, mais positivos, atacaram os preconceitos dos próprios contemporâneos e contribuíram em seguida a revolucionar o mundo e a conduzi-lo para o estágio presente, em que afinal também por mérito deles a nossa ideia anarquista impõe-se como lógica consequência do progresso que caminha. Já que esta é a verdade, que a anarquia é o resultado último imaginável por nós, da evolução através os séculos das condições intelectuais e das materiais da sociedade, e é ao mesmo tempo a organização que mais corresponde à natureza humana e mais conciliável com o que a ciência moderna nos ensina, acerca os relacionamentos existentes entre todas as coisas que têm vida e movimento no cosmo, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande.

*

* *

Rumo à anarquia visivelmente caminha a história – diz Giovanni Bovio.- Mas a história é feita pelas acções dos homens, e se é verdade que os homens são feitos pelo meio ambiente, o qual é um resultante de toda a evolução até hoje, não é menos verdade que os homens contribuem a mudar o meio ambiente

antigo num novo, e a determinar evoluções novas, ao que abrem a estrada as minorias audaciosas e revolucionárias forçando toda vez o obstáculo oposto pelas formas políticas e sociais, já talvez necessárias, em seguida inúteis, e por fim certamente danosas. Nós anarquistas somos hoje esta minoria destinada a preparar a estrada ao vinduro, o qual se fatalmente é destinado a ver o triunfo das nossas ideias, não por isso requer menos todo o esforço unânime e inteligente dos nossos sacrifícios, das nossas energias, das nossas vontades.

Frequentemente ocorreu que a letargia dos homens obrigou a história a interrupções dolorosas, nós, que mais de todos somos interessados em que uma daquelas interrupção não aconteça, devemos trabalhar, e não nos adormecer na muçulmana fé que o mundo caminhe de si rumo à anarquia, por uma espécie de fatalidade, já que, repito, o mundo caminha com as pernas dos homens, e uma força potente geratriz do movimento é a nossa vontade. A convicção de que vamos continuar com o nosso trabalho o caminho traçado pela evolução histórica da humanidade, e que nossas idéias não contradizem as leis da natureza – que são as relações entre os diversos fenômenos da vida no mundo – esta convicção que nós estamos no caminho certo da civilização e do progresso deve não enervar, mas bem fortalecer a nossa energia e nos encorajar a lutar com a serena visão da vitória.

II.

Anarquia significa, como diz a mesma etimologia da palavra, negação de autoridade. E nós anarquistas, de facto, negamos o princípio de autoridade combatendo-o em todas as suas manifestações de violência e de coerção. Combatemos a autoridade quando ela se personifica-se num poder mais ou menos difuso ou intenso, dos poucos sobre os muitos, o qual force, com a força ou com o engano ou com a chantagem ou com a ameaça de um dano, uma colectividade e os indivíduos que a compõem a fazer ou não fazer uma considerada coisa, seja também em nome de um princípio abstrato acreditado bom e útil à generalidade. O governo que manda o policial pegar pela gola o jovem de vinte anos para obrigá-lo a fazer o soldado ou a capturar um cidadão porque fala mal do príncipe, é uma força da autoridade, o padre, que com as mentiras religiosas e o espantinho da vida futura mutila a natureza humana obrigando o homem ao exercício mecânico da oração, e proibindo-lhe pensar como quer, é a autoridade que engana, o patrão que obriga o operário a trabalhar por pouco dinheiro muito tempo e lhe impede assim aproveitar a vida, com a ameaça de deixá-lo na calçada a morrer de inanição, é a autoridade que faz passar à fome com uma chantagem, o legislator por último que fabrica as leis, com que limita-se a liberdade dos cidadãos para conservá-los submissos ao governo, ao padre e ao patrão, e a observância das quais é imposta com todo um sistema punitivo que vai da prisão à morte, é a autoridade – uma autoridade que combatemos junto a todo o complicado mecanismo que ela si fabricou à volta para suportar-se.

*

* *

Esta é a autoridade que negamos, a qual há fundamento na violência e na coerção, e quisemos explicar-nos para não confundirmos. Realmente, quando nós afirmamos certamente o nosso princípio de negação de toda autoridade, tem sempre alguém que surge para objectar-nos: “Mas como? Em anarquia,

não tendo respeito por alguma autoridade, cada um pederá deixá-la confortável, também fazendo coisas doidas. Os pedreiros que construirão uma casa não quererão obedecer à autoridade do arquitecto, os enfermeiros à autoridade do médico, os ferroviários à autoridade do chefe de estação, e assim por diante. Deste modo a casa desmoronará logo, os doentes morerão, os trens partirão cedo demais ou tarde demais, provocando desastres...”.

Raciocinar assim quer dizer, com a desculpa da lógica, levar as ideias até o absurdo, a que nós pelo contrário não chegamos, convencidos que todas as ideias, também melhores, conduzidas ao absoluto, tornam-se ou maus ou impraticáveis. Certo, em anarquia ainda terá a autoridade – se assim pode ser chamada – da ciência e da experiência, e de fato eu acredito que esta autoridade será muito maior e mais sincera do que não hoje. Mas a ela conformar-se-ão todos, sem necessidade de um organo coercivo que lhes obrigue a isso, seja pela consciência colectiva e individual mais evolvida, seja por um melhoramento psicológico da humanidade ao que conduzirá o novo equilíbrio social – mas sobretudo porque todos encontrarão nela o próprio interesse, e todos serão a ela obrigados pela necessidade. Alíás, também é que hoje talvez precise do policial para obrigare o pedreiro a ouvir o empreiteiro, o enfermeiro a seguir o conselho do médico, o ferroviário a seguir com escrupulosos cuidados às indicações do chefe de estação?

A violência e o engano são hoje apenas necessários para obrigar os homens a obedecer à autoridade do governo, do patrão e do padre, e esta precisamente é uma prova que o que querem os padres, os patrões e os governantes não corresponde mais às necessidades e à consciência evolvida da sociedade. Conscientes de todo isso, por isso justamente nós anarquistas acreditamos interpretar as necessidades dos tempos novos combatendo a autoridade sob o seu múltiplo aspecto violento, nas instituições que nos não parecem mais corresponder às necessidades da humanidade. Tácito, descrevendo o período da decadência da república romana, que foi também o

período em que foram feitas mais leis, diz justamente que as muitas leis são índice de um governo muito ruim, e isso quer dizer que quanto mais certas instituições precisam de leis para permanecer, tanto menos pelas condições evolvidas da sociedade, aquelas dadas insituições tem razão de existir. Se Tácito tinha razão, e com certeza tinha, nunca uma sociedade foi mais na véspera de uma revolução do que a atual, onde os governos são tão empanturrados de leis que não tem verificação disso em nenhum outro período histórico.

*

* *

Logo, a ausência absoluta de todo padrão, seja isso o invisível da metafísica, ou qualquer outro político e econômico, há como resultante o harmonioso estádio de coisas ao que foi dado o nome de anarquia. A formular o ideal anarquista chegamos através de um trabalho intelectual com que fomos desobstruindo o nosso cérebro de todos os preconceitos, e antes de tudo do preconceito religioso. Assim aconteceu, particularmente nos países latinos, , onde até ontem crer em deus significava crer no padre, o qual em seguida com o medo do inferno procurava proibir a rebelião às autoridades, sempre legítimas (segundo ele) também quando claramente se mostrassem injustas ou ruins.

Visto que à filosofia transcendental prestamos pouca atenção e dela nos ocupamos pouco, assim – ao ponto de evolução das nossas consciências ao que chegamos – nos parece e talvez seja claro inútil o fato de ocupar-se da existência de deus. Que deus tenha ou não tenha, pensamos, sobre esta terra queremos deixá-la confortável. Mas histórica e cientificamente a questão é muito mais importante. O conceito deísta é afinal de contas a consagração, a sublimação do princípio de autoridade. la questione è molto più importante. Il concetto deista è in fondo la consacrazione, la sublimazione del principio di autorità. A isso encaminham todas as religiões reveladas, as quais predigam

todas a resignação e a obediência a uma autoridade. O quê é deus para a mente que crê, se não o patrão dos patrões, o rei dos reis do universo todo? É o valentão máximo que, como diz Bakunin, de forma paradoxal, se tivesse precisaria destruir.

O verdadeiro anarquista não pode não sentir a necessidade de rebelar-se em primeiro lugar, conscientemente, contra essa autoridade fantástica que violenta a sua individualidade, contra esse ser imaginário que lhe aprisiona o pensamento e lhe proíbe rebelar-se contra todas as outras autoridades bem mais reais, e diretamente nocivas, que o oprimem na terra onde quer ser definitivamente livre e feliz. A ciência não conhece deus, e ele – o anarquista – homem moderno que não ignora a ciência, abjura deus, do qual a ciência não lhe fala, e que a hipótese científica mais positiva nega e destroi.

III.

Historicamente a anarquia, como ideia filosófica, é uma derivação lógica das ideias irreligiosas dos séculos XVIII e XIX. Na Itália os primeiros núcleos internacionalistas anarquistas formaram-se no seio das sociedades racionalistas da Toscana e da Romanha, Proudhon, o primeiro que haja dado uma forma teórica ao anarquismo, chegou à negação da autoridade da autoridade terrestre através da negação da autoridade divina, e tornou-se famoso sobretudo como filósofo do ateísmo.

A mesma coisa poderia dizer-se de Mikhail Bakunin, que associou o anarquismo ao ateísmo, mostrando o primeiro como uma consequência do segundo nas suas melhores obras. E isso explica-se facilmente. Negada a existência de um padrão sobrenatural, de um deus – depois das últimas descobertas científicas, depois da negação racional do livre arbítrio em psicologia, depois das conclusões dos estudos antropológicos, seria pueril apoiar ainda a ideia teísta, - chega-se a negar conseqüentemente todo o princípio de autoridade, e o pensador, deduzida essa consequência, deve desaprovar todo poder do homem sobre o homem, já que justamente reconhece falso o princípio que o explica. Quando tem começado a rebelar-se, não para no caminho, pergunta-se, se não tem um deus que queira a opressão, porquê assim deverá suportar sobre si um rei, uma vez que o direito divino esvaiu? – porquê deverá sofrer a exploração de um padrão, quando não há ninguém sobre as nuvens que haja dado a esse a autorização de fazer assim e a ele negue a faculdade de rebelar-se?

Se pode dizer que desde que Demócrito jogava no rosto do mundo pagão os primeiros axiomas do materialismo, desde que Lucrecio ensinava que Deus é só uma sombra filha do medo, desde então se pode dizer que a história nos preparava no seu segredo o surgir do ideal anarquista. E é simplesmente lógico que a humanidade, uma vez desmascarada a lenda de uma vida feliz de além-túmulo, queira conquistar-se na terra aquele bem-estar que lhe falta

actualmente. O dito de Epicuro, que depois da morte não tem alegria, não pode fazer sem, uma vez que é aceito pelos homens como verdade, despertar nas mentes deles o desejo e o pensamento que a vida seja ela mesma, ou deva ser quanto mais é possível um gozo. É precisamente para conquistar esse gozo, no brilhante nome da natureza, que nós nos rebelamos contra tudo nos impõe um sistema de vida extraordinariamente trabalhado.

*

* *

Uma instituição, tal como é o Estado, baseada em princípios falsos, como aquele autoritário não pode ser que falsa, e como tal pode adaptar-se à natureza humana só atrás cruéis violências. Nós anarquistas, aos quais a parte mais inconsciente e ignorante da sociedade, e sobretudo interessada em fazê-lo no interesse de casta, dá o nome de malfeitores, sem abjurar todo o progresso científico e a evolução social dos tempos primitivos até hoje, queremos trazer de volta a humanidade a um estado de coisas mais conforme à natureza, cujas leis são as únicas que queremos respeitar, precisamente porque não escritas por nenhum código e não impostas por nenhum gendarme.

Nós vemos com o desejo um futuro em que, para expressar-se com a linguagem poética de um nosso amigo, *todos os homens sejam irmãos, em que o trabalho seja brasão de nobreza, onde o bem-estar e a educação tenham feito sumir o delito levando as causas dele... Não ócio, não ódio, única lei a liberdade, único vínculo o amor... A mulher não escrava, mas companheira consoladora do homem, a miséria desconhecida, a igualdade garantida pela harmonia dos direitos.*

Bem? Quando nós num impulso de entusiasmo expomos aos adversários o nosso ideal de reconstrução social nas suas linhas mais gerais, encontramos sempre alguém que nos zomba jogando-nos no rosto como uma bofetada a palavra: Utopia! E aqueles que antes nos diziam malfeitores, quando nos ouviram, acreditam fazer-nos uma condescendência trocando esse triste

nome com o outro ainda mais triste de doidos. É a seta do Parto que aqueles nos jogam, fugindo diante da lógica aguda e constrangedora das nossas razões.

«O seu ideal é belo demais para ser realizável» eis como acabam a conversa, por falta de outros argumentos, certos dos nossos contraditores. Se todos os homens raciocinassem sempre assim, certamente a anarquia não realizar-se-ia nunca; mas nós fazemos a propaganda precisamente para convencer o maior número deles possível, e empurrá-los a agitar-se para constituir a minoria revolucionária que deverá determinar o novo ambiente, em que estender-se-á depois de uma série de lutas reivindicatoras a sociedade futura. Aos céticos nós respondamos com a história a mão, mostrando como os doidos de ontem sejam os sábios de hoje, e como a utopia de hoje seja destinada a ser a realidade de amanhã. A esta convicção nos encoraja o estudo da natureza humana e da história dos povos e das instituições; e a nossa convicção é sempre a que a chegada de uma organização social anárquica é fatal, inevitável. A ciência, a filosofia, a análise dos acontecimentos e todo o movimento intelectual, político e econômico moderno, preconizam à evolução tal resultado.

*

* *

A anarquia, e só ela, é o *modus vivendi* natural, espontâneo, ordenado, a que melhor adaptará-se o homem, já que ela é o espelho fiel da vida imensa de todo o universo. Olhem para todo o que anda ao nosso redor, examinem todo o que o nosso olhar pode abraçar e que as nossas cognições gerais permitem entender. Inumeráveis astros vão ao redor na imensidão do éter, eles, minúsculos ou grandíssimos, mexem-se entrelaçam-se, envolvem-se todos em perfeita harmonia, e cada um cumpre as suas funções naturais livremente, sem encontrar nos demais nenhum obstáculo. A sua força de atração os mantém em equilíbrio, e cada astro, seja mesmo aquele o menor, contribui a

manter esse equilíbrio com a sua mínima relativa força. Se fosse possível interromper o movimento espontâneo de um só e dos menores corpos celestes, todo o universo ficaria abalado e mergulharia no caos legendário. Mas a lei natural —a qual, como dizemos em outra ocasião, é a relação entre os fenômenos a que demos o nome de lei — não pode ser rompida até este ponto pelo capricho do homem, e a harmonia universal, independentemente do que digam os metafísicos, nunca cessará de reinar no cosmo. O mundo é eterno, como eterna é a matéria; e já que além de ser eterno é também infinito, é tão ilógico supor-lhe um centro diretivo como ilógico seria supor-lhe um padrão.

Como no universo os astros, assim nos individuais corpos os átomos e as moléculas reúnem-se e dispõem-se, mexem-se e adaptam-se, segundo a própria natureza e afinidade, quando nada constrange ou impede os movimentos deles.

*Assim o psicólogo vê no mesmo homem uma multidão de faculdades separadas, de tendências autônomas, iguais entre si, equilibrando-se continuamente, e o organismo humano preso no seu conjunto não é mais que a resultante dos movimentos e das tendências autônomas do cérebro e dos centros nervosos.*²

O mesmo mundo intelectual não é outro que um complexo de pensadores autônomos, que porém, como disse Giovanni Bovio, vão organizando-se num pensamento colectivo que mexe a história.

Tudo logo em natureza é independência e autonomia; a molécula há razão por existir, como o grande sol, e a uma e o outro são necessários à vida e completam-se, existindo ambas de pleno direito e movendo-se, evoluindo sem pausa, de acordo com o que a função pede-lhes. Da mesma maneira na sociedade o homem deveria poder concretizar completamente o próprio eu, viver toda a sua vida moral e material na busca livre de um sempre maior bem-

2 P. KROPOTKINE; A Anarquia, sua filosofia, seu ideal.

estar, para a felicidade – meta inacessível talvez, mas que serve em todas as maneiras, como farol indicando à humanidade o caminho que ela deve percorrer, o caminho bom da justiça e da igualdade.

IV.

Quando no consórcio humano nos é dado encontrar a tirania do homem sobre o homem, e o impedimento por parte de alguns para a livre efectivação das faculdades dos outros, somos forçados a concluir que um regime de vida similar é contra a natureza. E contrário à natureza é, portanto, a divisão, no domínio económico, da humanidade em classes diferentes, divisão que é o pior produto artificial da aberração humana e a triste consequência da inconsciência das comunidades primitivas. A fim de compreender a injustiça do princípio da propriedade individual, ignoremos por um momento a observação daquelas coisas que, para ser sub-divisíveis e apropriáveis, são, portanto, susceptíveis de pertencer exclusivamente a um indivíduo ou uma classe de indivíduos que as tomaram por si. Acostumados, como somos, a ver a terra dividida para ser propriedade de este ou aquele, e as ferramentas de trabalho, como as moradias, a terra, as minas, etc. ficar nas mãos de alguns que são seus donos - e precisamente daqueles que não trabalham a terra, não fabricam as casas e não utilizam as ferramentas - pois esta se mantém há séculos, a maioria dos homens não percebe tanta injustiça e suporta os danos dela resultantes, tendo renunciado e sendo convencida de que esta é a coisa mais natural do mundo.

Bem, excluamos a consideração destas coisas e, pelo contrário consideremos os elementos que, pela sua extensão ou a impossibilidade para reduzi-los em propriedade de qualquer um, têm ficado património de todos. Talvez que a natureza para o ar, a água, a luz tenha feito alguma distinção, de modo que alguém seja impedido de respirar, beber, ver mais do que seu próximo, feito fisicamente como ele? Não, é claro. Todos os homens se beneficiam em comum, ou seja, segundo as necessidades de seu organismo, de todos estes elementos, independentemente do seu trabalho, do seu comportamento e também da sua própria vontade: o que não acontece para as outras coisas, por exemplo para a terra.

No entanto, a terra, como o ar, a luz, a água é um elemento que, por si só, não tem nada que diz que, por natureza, deveria pertencer a alguém, em vez de a todos. Por que isso? A resposta é simples - o Malatesta diz-nos - porque para o ar, a luz e a água ninguém tenha encontrado uma maneira de roubá-los para si mesmo e para os outros homens, enquanto que para a terra, sim; porque, se tivesse sido possível para os dominadores teriam pego tudo para si, hoje haveria só pobres aos quais seria deixada a luz mais fraca, a água mais fétida e o ar mais malcheiroso, e tudo pelo preço de sofrimento e lágrimas, como agora acontece para pão e habitação.

*

* *

Já que nascendo ninguém trouxe consigo título de propriedade fundiária ou cupões de renda, temos todo o direito de dizer que a terra sendo, tal como o ar e a luz, um elemento necessário para a vida de todos, como o ar e a luz tem de ser propriedade comum de todos, que cada um deve poder exigir e obter com seu trabalho na quantidade que ele precisa.

Mas - dizem-nos - em teoria, a terra e o espaço é verdade que são de todos, mas estes não são suficientes em si para dar ao homem pão e habitação; estes tornam-se portanto propriedade privada já que alguns empregam neles as próprias forças, colocando esses em condições de produzir pão e construindo lá as casas, já que estes fornecem as ferramentas para trabalhar a terra, para construir as casas, e assim por diante para obter da matéria-prima todos os imensos benefícios que temos chegado a desfrutar com a civilização e o progresso.

E seja! - respondemos. - Então, por que precisamente aqueles que cultivam a terra, aqueles que constroem as casas, que fabricam e utilizam as ferramentas do trabalho não têm nada, enquanto quem tem tudo é precisamente quem não gasta nem uma mínima atividade útil e produtiva, e cuja maior fadiga se reduz à preocupação de acumular para depois amoralmente consumir?

A verdade é que toda a maneira de que é distribuída a riqueza social, hoje, é uma injustiça, que se choca com a razão e contradiz as leis da natureza; segundo as quais pelo fato de que todo homem nasce, o mesmo tem o direito de usar, sem distinção, todos os meios de vida existentes na terra em que nasceu. A verdade é que a matéria-prima e tudo o que você precisa para produzir e trabalhar devem ser, como o ar e a luz, disponíveis para todos; e todos, uma vez que eles dão o que as suas forças lhes permitem, têm direito a receber, em função das necessidades que têm para reabastecer as forças que consomem para produzir.

De todas estas observações, flui logicamente que, de acordo com a natureza, todo deveria pertencer a todos. O fato mesmo, além disso, que vemos constantemente com os nossos olhos, que para o estabelecimento de uma propriedade tem sempre uma necessidade ou de violência ou de engano contra alguém, nos diz como o princípio da propriedade individual é antinatural. Nas palavras de um doutor da Igreja, Sant'Ambrogio, *a natureza estabeleceu a comunidade dos bens, a usurpação produziu a propriedade privada.*

Ora nós, quando dizemos a *natureza* fez isso, segundo a natureza é injusto esse outro (é bom entender-se) não queremos criar alguma coisa de pessoal, seja mesmo abstrato, que afinal venha substituir o que outros chamavam *deus*, outros transformaram em *fatalidade*, outros enfim macaqueando a linguagem científica disse *lei natural*: um engano em suma com o que se quer sempre persuadir os oprimidos a suportar a opressão. Também os tiranos agora envernizam-se de ciência e com a ciência abastardada querem explicar e justificar as próprias infâmias em nome de uma pretendida lei natural.

*

* *

Verdadeiramente a única lei de natureza é a segundo a qual os homens devem poder viver toda a sua vida, livres na solidariedade, como no mundo as estrelas e os átomos são autônomos, enquanto seguem a lei da atração que os harmoniza. Se a natureza é movimento, é vida, tudo o que é contrário ao

movimento e à vida é contra a natureza. Aqui está como nós pensamos, quando para defender as nossas ideias e atacar as instituições que se opõem à implementação destas ideias, afirmamos de interpretar a verdadeira lei natural, que ninguém escreveu, mas que todos sentimos, porque se desenvolveu em nós a consciência e o senso do justo e do injusto.

V.

O imenso movimento operário que fará famoso para a posteridade este período histórico nos mostra claramente como avança a humanidade caminhando a passos largos para o comunismo livre. A solidariedade torna-se mais e mais para conceito fundamental da vida social, generalizando e apertando as ligações cada vez mais forte, que são aquelas criadas pelas necessidades comunas a todos os despossuídos; e, como o sol na primavera frutífera a colheita para a coleta futura, assim essa, a solidariedade, prepara gradualmente no seio do ambiente burguês as primeiras formas da organização libertária, na qual os produtores e trabalhadores associados serão os donos e os consumidores em comum do produto do trabalho comunitário. Quando for convicção de todos os trabalhadores, ou pelo menos uma parte deles suficiente para decidir sobre os eventos, que a união faz a força, e se estiverem unidos, e tiverem obedecido ao convite de Karl Marx lançado ao mundo dos trabalhadores desde 1848, então, a consciência da união e da força que provem da união irá decidir as massas proletárias para conquistar os meios de produção; e as associações de artes e ofícios que hoje estão em resistência, em agitação e em negação contra o privilégio capitalista, amanhã darão as células e os principais tecidos do corpo social, a base fundamental da humanidade livre, que nessas encontrará o meio para viver e andar sempre melhor no caminho do progresso. Este futuro magnífico nos prepara a organização sempre crescente e ampliando-se das massas trabalhadoras, cada vez mais emancipada dos laços e dos preconceitos autoritários, o que nos deixa confiantes de que, mais cedo ou mais tarde, libertada de todas as autoridades que, hoje, ainda travam o desenvolvimento e a consagração dela, saberá encontrar na autonomia dos grupos e dos indivíduos associados a adaptação livre, fácil e plana ao comunismo libertário.

Kropotkin em vários seus estudos de sociologia revolucionária nos mostrou

quais e quantos estão no meio da sociedade burguesa os germes embrionários da futura sociedade comunista e anarquista, também fora do ambiente exclusivamente operário.

*

* *

Por outro lado, que a evolução leve-nos para a anarquia o conta-nos a história. O progresso humano desde os primeiros tempos até hoje tem por termômetro a continua eliminação da autoridade na organização social. Da teocracia mais despótica, passando pelas monarquias absolutas mais temperadas, pela monarquia constitucional, pelo poder presidencial, pelo Governo da Assembleia - cada uma dessas formas que passa por sua vez do pico à calha da arrogância autoritária (exceto alguns excepcionais períodos casuais de repentina liberdade superior, como nas cidades da Grécia antiga e durante as comunas medievais, seguidas de um regresso maior) a humanidade percorreu sempre o mesmo caminho em direção à sua final emancipação, trajetória a frente da qual o sociólogo vê a aniquilação completa de todas as autoridades governamentais: a anarquia. Todas as diferentes formas de governo, cada vez menos despóticas à medida que se avança em civilização, são apenas diversas etapas da revolução, ela que chama a eterna juventude do mundo. Toda revolução, de fato, teve o efeito de uma diminuição de autoridade nos governos que se sucederam um ao outro no poder, que fosse uma revolução predominantemente moral, ou econômica, ou política. E cada vez a humanidade, passando de um período histórico para um outro melhor, deu um passo em direção à meta até ontem ainda desconhecida, mas que agora foi revelada aos olhos do estudioso em modo tão óbvio: a realização do ideal anarquista.

Vimos que há várias razões pelas quais a anarquia deve ser considerada hoje como um objectivo a que inevitavelmente devemos tender, se você realmente quer o progresso; a trajetória percorrida através da história pela instituição do

governo também nos diz que a anarquia, dado o progresso feito até agora pela humanidade, é fatal e inevitável: uma fatalidade e uma inevitabilidade, é claro, suficientemente relativas para não permitir aos amigos do progresso que eles permaneçam de braços cruzados à espera dos eventos, mas pedindo em vez disso a esses toda a atividade e a energia necessárias para opor-se às forças opostas e, especialmente, à força de inércia das multidões misoneístas, que sempre foi o pior inimigo da civilização.

A consciência popular, elevando-se cada vez mais e invadendo, pela tradução em ação com períodos sucessivos de evoluções e revoluções, o campo inimigo, isto é corroendo as fundações das instituições autoritárias, rasgando de vez em vez pedaços sempre maiores do privilégio odioso delas, nos leva à anarquia; podemos dizer, como poderíamos fazê-lo em geometria, dada uma linha reta e tomados dois pontos desta linha, dizer por quais outros pontos do espaço esta linha reta deve passar.

*

* *

Todas as vozes multiformas e poderosas da civilização moderna são hinos e invocações à anarquia, como à única salvação para a humanidade da lama em que ela luta neste momento de dúvida e de transição. Nós militantes anarquistas apenas somos os coordenadores lógicos das várias tendências que manifestam-se em todos os ramos da vida social, no mundo operário como no político, no mundo literário como no científico e filosófico.

Se também tem no campo inimigo poderosas inteligências que dizem-se inimigas dos anarquistas e da anarquia, sem querê-lo - quando essas inteligências são efectivadas livremente fora de considerações sectárias - elas trabalham para nós, para a revolução libertária.

Herbert Spencer foi certamente um adversário do socialismo e da anarquia, e foi chamado de individualista burguês; mas, entretanto, se tivesse um filósofo que fez uma crítica enormemente destrutiva do estado, a não serem os

anarquistas, é ele. O que importa para nós se ele, percebendo tarde demais onde inadvertidamente chegou com a lógica de seus argumentos, removeu em edições posteriores das páginas mais anárquicas de sua Estática Social? Essas páginas permanecem para nós, para a ciência, para a história, - da mesma forma que, para a história e para a literatura Jerusalém Libertada permaneceu, apesar do coitado Torquato Tasso a tenha revista, corrigida e corrompida numa Jerusalém Conquistada que ninguém mais lê.

Qual importância que Carducci tenha terminado monarquista e tenha escrito as odes à rainha e à filha de Crispi? O hino à Satanás permanece e permanecem todos os seus outros poemas de rebelião, que estão afirmando para nós o conceito revolucionário. Quem se importa com que Tolstoi, Ibsen, Rapisardi, Mirbeau, Sticks, Hauptman, Gorki, todas as mais belas inteligências da Europa contemporânea não militem abertamente nas filas anarquistas? Mas anarquista é a sua arte, e agem e trabalham para nós. Quem se importa que Shelley, Zola, Whitmann, Turgueneff e muitos outros não tenham dito cada um categoricamente "eu sou anarquista", se sua arte foi demolidora poderosa da autoridade e criativa e evocativa da liberdade, como é entendido por nós?

Mario Pagano, Vincenzo Russo, Carlo Pisacane, que a burguesia italiana honra porque cooperaram para fazer aquela pátria que agora essa alegremente devora, morreram por um ideal que não era a anarquia; mas anarquista foi a sua aspiração à liberdade, e seus livros de filosofia revolucionários são aqueles em que a nossa idéia veio amadurecendo, e dos quais, mesmo se não nomeada, surge e é demonstrada da forma mais engenhosa.

Giovanni Bovio foi Republicano; mas quando ele escreveu para o estudioso, como filósofo, ele nos disse que a nova revolução só pode ser anárquista e que para a anarquia vai a história. Frederick Engels, Augusto Bebel são democratas socialistas e combateram muitas vezes, obstinadamente até a

deslealdade, os anarquistas; mas, entretanto, eles também quando colocavam sobre o papel o seu próprio pensamento científico sentiam a necessidade de defender a abolição do estado. Peter Heller é senador e conservador, mas a sua caneta, não obstante ele mesmo talvez, concorda com o anarquismo de Proudhon e escreve que a propriedade gera crime.

*

* *

Nós, anarquistas militantes, porém estamos mais lógicos e mais consistentes de todos, porque vemos o problema em todos os seus aspectos e aceitamos sem implícito, nas ideias e na agitação, todas as suas alegações. Nosso movimento de parte não faz outro que coordenar, organizar e canalizar para uma forma prática de combate todos esses múltiplos resultados do pensamento revolucionário moderno.

Se a autoridade, na sua incarnação tripla do sacerdote, do policial e do mestre, é um mal, nós combatemos todas as religiões, todos os governos, todo o capitalismo - tomando pouco cuidado se a pessoa que nos ensinou a lutar contra o altar é, ou não, um amigo do trono e da propriedade, se alguém luta contra a propriedade e não é o inimigo da autoridade e da igreja, se alguém é um inimigo do trono, mas, em seguida, defende o capital e está aliado com os sacerdotes.

Solitários e intransigentes contra todos, perseguidos pelos preconceitos das massas e pela ira de quem não é inimigo absoluto da tirania, temos para nós uma força imensa, - a lógica no pensamento e na ação - e essa força permite-nos quebrar dia após dia as armas em mão dos nossos inumeráveis inimigos, e assegura-nos que a nossa ideia será num dia próxima vitoriosa.

